

Imagens do cotidiano ou o real construído? O jogo do real e do ficcional na narrativa fotográfica de Jeff Wall

Images of everyday life or the real built? The game of real and fictional in the Jeff Wall's photography narrative

Angie Biondi | angiebiondina@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea- UFMG. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Membro do GRIS – Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade.

Resumo

Este texto observa alguns aspectos da relação entre fotografia e produção de um discurso sobre o cotidiano contemporâneo, através do trabalho de Jeff Wall. O que se inscreve nestas imagens é a proposição de um diálogo entre espaço e personagem, como duas figuras narrativas privilegiadas, vistas sob o jogo de uma inversão dos estatutos do real e do ficcional como elemento de uma estratégia visual responsável pela construção de uma releitura do cotidiano. Trata-se de observar os elementos enunciativos presentes nas fotografias que articulam uma relação entre personagens e espaços (ambientes) evidenciando uma configuração específica sobre o sujeito ordinário e seu contexto, em especial, o urbano.

Palavras-Chave: Discurso visual; Fotografia; Imaginário; Cotidiano.

Abstract

This text analyses some aspects of the relationship between photography and the production of a discourse on contemporary daily life, through the works of Jeff Wall. It endeavors to observe the enunciative elements of photographs that articulate a relationship between characters and spaces (environments), evincing a specific configuration of the regular subject and his (urban) context.

Keywords: Visual speech; Photograph; Imaginary; Daily.

“Onde, por exemplo, acaba a personagem e começa o espaço?”
(Osman Lins)

Questões preliminares

Este texto propõe refletir sobre uma espécie de releitura do cotidiano contemporâneo firmado na relação fotografia e produção de um discurso que reconhece os elementos da própria imagem como elementos de uma escritura deste tema.

Vimos hoje uma série de narrativas sobre o cotidiano e o ordinário voltar à baila dos estudos em comunicação, dada sua exploração temática em diversos formatos, seja pelos chamados *reality shows*, diários virtuais, *blogs*, entre outros. Porém, também chama atenção a estreita relação entre imagem e “imaginário de um cotidiano” por trás de toda esta indagação sobre o real supostamente apresentado (ao vivo) através da exposição de situações banais e ordinárias, por vezes, até íntimas. Aqui, menos interessa colocar em xeque a proposição de um real (como fato documentado) que traga a fotografia, mas concentrar esforços na construção de uma espécie de releitura possível que a fotografia propõe, independente do teor do real que lhe caiba.

Assim, esta reflexão acerca de tais aspectos incide sobre algumas imagens do fotógrafo canadense Jeff Wall para nortear o seguinte ponto: que tipo de leitura do cotidiano contemporâneo trata suas imagens?

Há alguns aspectos sob exame na obra do fotógrafo em questão que se desdobram: a) o tratamento do cotidiano como um motivo visual se coaduna com um tipo de discurso sobre o contemporâneo e seus modos de ser, incorpora formas de uma sociabilidade contemporânea; b) o tipo peculiar de leitura que suas imagens propõem ao espectador alude ao cotidiano sob a idéia do inusitado, do incerto, mas também do estável, do ordinário e do familiar como elementos que compartilham de uma mesma construção narrativa; c) personagens e ambientes pertencem a um mesmo espaço, numa espécie de dinâmica, que conduz a narrativa a um processo de leitura das situações do indivíduo ordinário; substrato deste imaginário do cotidiano contemporâneo e que joga com os estatutos do real e do ficcional.

Assim, o texto concentra esforços, de um lado, na articulação entre espaço e personagem como duas figuras narrativas privilegiadas nas fotografias e, de outro, na exploração do limite entre os gêneros documental e ficcional, como jogo de inversão dos estatutos. Consideramos a articulação e a exploração de tais elementos como estratégias contundentes para a construção deste imaginário do cotidiano contemporâneo que se desdobra.

O imaginário de um cotidiano contemporâneo na fotografia

A discussão acerca destas imagens se afasta um tanto da discussão sobre o referente ou da credibilidade da imagem fotográfica, mas observa o tratamento dispensado ao tema na fotografia contemporânea, a partir de sua expressão, e que configura um tipo de imaginário deste cotidiano.

Isso por que o modo pelo qual este tipo de imagem entende o real como objeto fotográfico não é proveniente da captação de uma realidade externa, simplesmente como fato documentado, ao contrário, as produções fotográficas de hoje tendem a explorar uma ênfase neste limite, na zona fronteira do real e sua forma de expressão. Assim, as imagens de Jeff Wall exploram sua potencialidade estética engendrando uma ilusão de realidade, questionando os limites do gênero documental/ficcional. A articulação entre elementos plásticos e figurativos propõe, portanto, uma espécie de “construção ficcional” do real ou, como alguns estudiosos têm denominado, de “real construído”¹.

De modo que compartilhamos da mesma noção de realidade indicada por Jean-Marie Floch (1986)², na qual a imagem fotográfica precisa apresentar apenas uma relação de semelhança com a realidade do mundo exterior para pressupor um “crédito de analogia” entre o material visual e as condições de um sistema de expressão e significação no interior de uma cultura. O que se reconhece como o cotidiano proveniente de um real nas imagens é apenas a construção de uma referência virtual, de natureza diegética. Daí considerar o real, na imagem, como resultado da produção de um efeito de sentido de realidade, como uma produção de uma “ilusão referencial”, segundo Floch.

As fotografias de Jeff Wall não se qualificam por uma **função reportativa**, mas por uma espécie de “falseamento” ou “mascaramento” da realidade, onde o domínio de sua arte fotográfica envolve apenas a estrutura de uma situação, de um acontecimento, de um evento, como se fosse real, porém ligado ao ordenamento e controle de seus elementos no espaço visual. O que há é uma relação com um **modo reportativo**, pois não repousa sobre um acontecimento em particular ou individual, advindos de uma realidade, mas trata-se da tentativa de fixação de um modelo da estrutura do acontecimento ou de uma situação, que estabelece uma ligação com a aparência dos acontecimentos cotidianos, corriqueiros, e compartilhados com quem vê.

Na perspectiva que se adota aqui, tal proposição estética constitui um processo relacional³, de interação entre sujeito e objeto, espectador e imagem, de modo ativo e situacional, onde estão implicadas as condições concretas desta relação de afetação mútua. Portanto, não poderíamos compartilhar da idéia de um aspecto material de produção como determinante da recepção, mas atribuir sua função circunscrita ao compartilhamento de outras variantes dentro deste processo.

Neste sentido, podemos dizer que o imaginário do cotidiano contemporâneo proposto é proveniente de um jogo da fotografia com o ponto de vista ontológico da representação. Assim, a atitude do fotógrafo envolve um conjunto de questões de ordem prática e estética, decorrente do seu modo de conceber a disposição do olhar para o motivo (implica em seleção, escolha, perspectiva) e como intervir para configurar um tipo de expressão e de representação deste motivo (que resulta do arranjo de marcação teatral, *mis en scène*, luz, cor, etc).

O cotidiano ordinário

Os estudos sobre o cotidiano tem se mostrado, ao longo de tempo, por diferentes óticas, mais reconhecidamente, as de cunho filosófico e antropológico que tem Giorgio Agamben (1993), Michel de Certeau (1996) e Zygmunt Bauman (2001) como seus autores mais representativos.

Nossa intenção não é retomar as matrizes conceituais destas correntes, neste momento, mas fundamentar o cotidiano como um conjunto de práticas triviais e rotineiras de conversas, gestos, expressões e das múltiplas formas de linguagens que ocorrem na vida diária das pessoas; as “práticas do fazer cotidiano”, conforme indica Certeau, do modo mais trivial possível.

O que as fotografias de Jeff Wall buscam extrair, portanto, são estas caracterizações descritivas de momentos corriqueiros, de situações, para criar uma escritura do cotidiano na qual se possa firmar um imaginário sobre seu modo contemporâneo de se apresentar.

Desde o século XIX, as artes, de modo geral, buscaram engendrar uma imagem do que seria um cotidiano (ou o homem) moderno. As descrições sempre privilegiavam um imaginário de grandes multidões, metrópoles caóticas e desordenadas, inúmeras indústrias. A idéia de sociedade moderna se baseava num poderio econômico veloz e num sujeito anódino. Porém, estas mesmas artes nos apresentam hoje uma idéia muito distinta daquela. Para além desta proposta de uma sociedade promissora e exitosa, de fato, a fotografia hoje questiona sobre quais são mesmo estas características e os modos sociais que nos representam neste cotidiano.

As fotografias (Figuras 1 e 2) trazem figurações do cotidiano que poderiam ser notadas no dia a dia comum de uma casa, de uma calçada, mas também em um filme, uma série de Tv, um anúncio de um produto qualquer. Porém, quando percorremos seus detalhes fotográficos com maior cuidado outros aspectos próprios à imagem saltam à vista nestes pequenos fragmentos visuais.



Figura 1 - Jeff Wall, *A view from an apartment*, 2004.



Figura 2 – Jeff Wall, *Outside a nightclub*, 2004.

A luz mais intensa, as cores saturadas dos objetos, o tipo de enquadramento que se coliga ao olhar do espectador implicando-o dentro da cena, o sentido de proximidade do olhar instaurado, enfim, marcam, tanto na Figura 1 quanto na Figura 2, a disposição para ver uma cena corriqueira qualquer, não fosse o tratamento cuidadoso e controlado com os detalhes todos das imagens, cumprindo o papel de uma naturalidade ambígua e familiarmente estranha. Pois se o olhar da recepção parece inscrito no próprio espaço visual, pertencendo à sala de estar ou à rua, ao mesmo tempo este olhar se coloca distante como o de um observador/testemunha, que apenas acompanha as ações dos outros.

Assim, à medida que o cotidiano e o banal são representados como “espontâneos”, como se fossem apresentados *en directe*, típico do estilo documental, seu modo de expressão se artificializa, como um contraponto que nos provoca, mas que, ao mesmo tempo, nos acena uma idéia de um cotidiano banal e simples. As fotografias de Jeff Wall evidenciam a exploração do limite entre o documental e o ficcional no jogo de suas estratégias visuais para tratar o cotidiano contemporâneo.

O espaço-personagem

O cotidiano contemporâneo é trabalhado para a dimensão imaginária através da exploração e articulação dos recursos fotográficos. Iluminação, enquadramento, angulação, cenários e ambientes, todos funcionam como elementos de um jogo enunciativo que propõe ao olhar do espectador uma relação com sua vivência, com sua experiência do dia-a-dia das ruas, das casas, das lojas, enfim, dos espaços por onde transitamos cotidianamente como se fossem fragmentos de nossa memória.

Estes fragmentos do cotidiano, onde são flagradas diversas cenas comuns, põem a tônica no espaço (como ambiente), é ele que adquire a referência principal da construção destes acontecimentos corriqueiros.

O cotidiano contemporâneo de Jeff Wall passa pelo viés dos espaços, dos ambientes. O foco das imagens em discussão é o espaço, seja como recurso fotográfico, que demarca o olhar do espectador, seja como motivo visual (tema) da fotografia. É o espaço/ambiente o personagem protagonista das passagens, do fluxo de pessoas e de veículos, arena de experiências, acontecimentos e situações, tanto quanto da produção e reprodução das relações de sociabilidades afinadas com o que reconhecemos de “nosso cotidiano”. São estes pequenos discursos fragmentados que escrevem e narram a cidade e seu cotidiano construindo e reiterando seu imaginário.

Michel de Certeau⁴ refere-se aos relatos de espaço sob duas perspectivas: uma toma o espaço como mapa, a outra, como percurso; ambas tomadas aqui como figuras narrativas. Os relatos que mapeiam são aqueles que dão a ver como num quadro, propõem a ordem das coisas, é uma “configuração instantânea de posições”, indicam uma condição de estabilidade. Podemos dizer, se configuram como os ambientes que são vistos nas fotografias. Os relatos de espaços que nos apontam percursos indicam processos, a condição de desdobramento em si; são espaços, as operações de sujeitos históricos, o “lugar praticado”, “espaço antropológico”.

Neste sentido, podemos dizer, o mapa é o que vemos, espaço de ambientes, cenários e personagens, já o percurso é o modo de ver que se está posto. O que a fotografia de Jeff Wall instaura é um diálogo com esta situação do olhar que reconhece, que identifica. Entre o que se vê e o como se vê o fotógrafo vai tecendo o imaginário deste cotidiano. Vale ressaltar que a noção de espaço, conforme Certeau, implica, também, a experiência de um ser em relação com um mundo, em um tempo. Os espaços, portanto, organizam e desorganizam os nossos modos de experimentar e ver o mundo. Assim, as fotografias de Jeff Wall inquietam porque jogam com esta relação entre os espaços; espaço do visível, espaço do vivido.

As fotografias, ao mesmo tempo, sugerem repensar também o local da representação. O espaço como recurso fotográfico demarca o local do observador atual, propondo uma revisão do molde estético e da visualidade típica da fotodocumental numa linguagem atualizada pelos recursos imagéticos que explora. Aqui, tanto a Figura 1 quanto a Figura 2 nos põe no espaço de cena instaurando a participação e compartilhamento com os ambientes e seus personagens, instaurando o ponto de vista mais próximo do testemunho.

Recusando a rigidez formal entre ficcional e factual, Jeff Wall trabalha suas imagens reportando-se aos aspectos de *mise en scène* e apropriação de certos recursos narrativos cinematográficos (*stills*) no que se refere à qualidade visual. São estes elementos nos quais sua fotografia se apóia para ir construindo uma noção de cotidiano contemporâneo.

As situações fotográficas de Wall transitam, assim, entre os dois domínios (real e ficcional) sem se apoiar num estrito valor de real documental,

tomando por base o paradigma indexical da fotografia. Se há uma tendência metodológica em enfatizar o dispositivo, sobretudo, nos estudos referentes ao chamado “novo realismo” ou “realismo conceitual”, como recurso determinante da experiência visual, estas imagens questionam e problematizam a natureza do *médium* em sua manifestação expressiva.

O objetivo, porém, é pensar as estratégias de visualidade/visibilidade propostas em suas imagens tomando como base a própria natureza híbrida de suas fotos e a experiência de se relacionar com elas. É esta sua natureza híbrida que reforça a escritura de um “real” igualmente impuro, mesclado no entorno de um cotidiano comum. Assimilar uma dimensão do cotidiano é também assimilar as relações que lhes dão conteúdo, que lhes embasa.

Mas observar certos dados nestas imagens não significa esgotar seus recursos fotográficos identificando-os aqui e ali, mas tentar demonstrar como estes aspectos firmam o efeito de uma idéia de cena cotidiana de uma cidade, de objetos, de pessoas quaisquer, nos dias atuais, através de uma estratégia de produção e experimentação do contemporâneo. É neste sentido que um discurso sobre o cotidiano contemporâneo se coloca quando pensamos estas fotografias como pertencentes a uma espécie de repertório visual do imaginário contemporâneo.

No entanto, as fotografias de Jeff Wall nos indagam sobre este mesmo cotidiano e este mesmo espaço familiar como espaço de tensão anunciada, do inusitado, do risco iminente, do incerto, da ordem e da desordem. Situações rotineiras e tediosas mesclam-se com pequenos inusitados que rompem a linearidade deste tempo e espaço cotidianos.



Figura 3 – Jeff Wall, *Mimic*, 1994.



Figura 4 – Jeff Wall, *The stumbling block*, 1994

Nas fotografias (Figuras 3 e 4) também surgem referências constantes ao fragmentado, ao inacabado, aos estados de “crise” e aos imprevistos banais. Por vezes, as “imagens construídas” de Jeff Wall se coadunam com o imaginário de um mundo em desmoronamento, em condição de vigília ou de iminência de transformação, no entanto, plasticamente controlado. Nas Figuras 3 e 4 notamos algumas destas pequenas irrupções como flagrantes de acasos que permeiam o dia-a-dia, seja na hostilidade de um homem ao exhibir o dedo médio ao asiático que anda ao seu lado, seja no esbarrão com um morador de rua deitado no chão que faz tombar uma mulher e um outro executivo.

Tais provocações trazidas pelas fotografias parecem chamar a atenção para um cotidiano também mutável, passível de alterações que, mesmo mínimas, podem indicar a condição de fragilidade num mundo aparentemente em ordem.

Assim, o que funciona, a princípio, como uma crônica do cotidiano no espaço da casa e no espaço da rua, ressalta também um estado de passagem, de expectativa pelo próximo acontecimento. É neste espaço de suspensão que a imagem revela o tipo de olhar que aguarda. O fato de selecionar, somar, elidir ou enquadrar modifica nossa percepção, recontextualizando o tema do corriqueiro e banal.

Muitas vezes, suas imagens apresentam certas situações, micro-eventos colocados nas fotografias, onde o indivíduo/personagem é visto em sua forma frágil, vulnerável, mas também medíocre, ordinária, comum, banal.

Se, por um lado, o tema apresentado parece o de uma cena trivial, o modo como se apresenta (ou representa) sugere a presença de um elemento estranho, porém não visível. Como se a qualquer momento pudesse irromper um outro, algo oposto ao esperado e ao conhecido. “É a emersão, ou ao menos,

o acesso do inesperado, a ameaça do desconhecido. Porém, esta ameaça é, ao mesmo tempo, aquilo que se espera transformar as coisas.” (EXPÓSITO: 2006). Esta sensação de “ameaça”, no entanto, não se coloca na expectativa do acontecimento concreto de um fato inusitado qualquer, mas corresponde ao modo como o sujeito expectador interage com a imagem conforme a articulação com os elementos dispostos na e pela imagem.

Valendo-se da capacidade narrativa da fotografia, as situações de Jeff Wall propõem este jogo de presença/ausência com o olhar em seu estado de suspensão. É nesta relação “tensa” entre documento e expressão que a imagem se utiliza de certos aspectos textuais e discursivos para jogar com esta inversão de estatutos conceituais de referência (do cotidiano como o real). Suas imagens são consideradas nas dimensões estética e discursiva. “Essa nova representação do ordinário parece oscilar entre uma caracterização mais singularizada e uma outra baseada na vinculação dos sujeitos a classes ou grupos de pertencimentos.”⁵

A narrativa sobre os personagens/espços se apresenta a partir dos movimentos de leitura, de fora para dentro, força centrípeta na dinâmica dos microfatos. Assim, a caracterização de personagens e espaços apresenta a configuração dos posicionamentos sociais, políticos e culturais da vida e das formas de sociabilidades propriamente contemporâneas, onde os espaços urbanos e suas transformações atuam como releituras deste cotidiano.

O que há de “nosso cotidiano” nestas imagens?

Porém, é menos uma questão de espetacularização do banal e mais a provocação de uma busca pela identidade. Identidades inseridas em espaços demarcados. “Se numa perspectiva erudita, o senso comum é desqualificado porque é banal, destituído de qualidades, repleto de distorções, com ele é menosprezado o mundo de que faz parte: a vida cotidiana. Já numa outra proposta, a dinâmica do repetitivo, o tempo da rotina, enfim, o cotidiano ganha densidade através de uma determinada orientação metodológica e teórica que passa a compreender a cotidianidade como a consciência do lugar das contradições na era do cotidiano.”⁶

André Rouillé, em seu texto *La Photographie* (2005)⁷, aponta as cenas banais e ordinárias como uma das grandes problemáticas recorrentes na arte fotográfica contemporânea. Para o autor não se trata de inventariar as cenas urbanas ou objetos de uma sociedade industrial emergente na tentativa de formular um discurso emblemático sobre a sociedade, como contemplava o projeto modernista, calcada nos valores de verdade e progresso. O tratamento que a fotografia contemporânea dispensa à temática propõe uma renovação das visibilidades, propõe pensar uma nova relação entre o mundo e o meio fotográfico.

A imagem, segundo ele, constitui o espaço das possibilidades em uma espécie de diálogo com as mais diversas relações e interfaces; “Aos espaços identitários, relacionais, carregados de história e de humanidade, aos lugares antropológicos, portanto, produzidos nas imagens de espaços de lazer, atividades comerciais, trânsito, de passagem ou exclusão”. (ROUILLÉ: 2005, 561).

Além disso, as imagens constituem uma forma de resistência às condições do visível impostas pelos meios de comunicação e do mercado:

*“face às tecnologias que repelem sem cessar os limites do visível, face aos meios que sonham projetar os espectadores aos confins do mundo, face às imagens de síntese que submergem o real nas miragens do virtual, face às sofisticações gráficas da indústria cultural – a publicidade, a televisão, a imprensa, o turismo, etc. nesta situação, um número crescente de artistas utilizam a fotografia para descobrir o próximo, o imediato, o aqui, o banal, o ordinário. A consagração do derrisório”.*⁸

Ainda: “esta estética do derrisório parece servir de proteção imaginária contra a trivialidade dos estereótipos e a violência simbólica dos valores estabelecidos”. (ROUILLÉ: 2005, 563).

*“A decisão do autor de manter ou não certos elementos ou situações reconhecíveis é absolutamente crucial: objetos, espaços, ambientes, personagens. Disso dependem os níveis de credulidade da imagem, seu nível de concreção ou de indeterminação com seu efeito conseguinte de suspensão e desassossego, assim como novas associações significantes que podem surgir”.*⁹

O único indício possível a estas imagens é de uma espécie de presença ausente, não vista explicitamente e que se completa integralmente na experiência, na recepção, no trabalho de leitura.

Se há uma mobilização do olhar nestas imagens, ela não é proveniente de uma informação prévia que possa apresentá-las como documentos ou ficções, mas provém de um conjunto de “marcas” visíveis e não visíveis, em potência, e que é responsável pelos deslocamentos ou movimentos do olhar; jogos de escrita e leitura. Aliás, a leitura é que, segundo Certeau, fundamenta o ponto de partida para o entendimento da cultura do cotidiano.

Este fenômeno, porém, não está além imagem, mas é proveniente de uma atmosfera gestada na própria matéria visual.

A fotografia propõe ou permite uma atualização do tema representado, mas que só se configura, de fato, na recepção. Porém, a recepção já porta uma série de outras noções, experiências e informações pregressas, que auxiliam nesta outra experiência que se processa. Nosso objetivo é examinar o objeto, a obra em sua materialidade, para compreender a recepção (formativamente) conforme as marcas, as estratégias e o tipo de discurso que engendra nesta relação com o local/espço da recepção. Ou, para além da ordem das coisas, o espaço.

Notas

¹ EXPÓSITO, Alberto Martín. El tiempo suspendido. Fotografía y narración. Fotografía y narración. Studium [online]. N.16. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/16/>

² FLOCH, Jean-Marie (1986). Les formes de l’empreinte. Périgueux: Pierre Fanlac, 1986.

³ DEWEY, John. Art as experience. Perigueux Books, 1980.

⁴ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. 14ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008. p.202

⁵ Cf. GUIMARÃES, César. O retorno do homem ordinário do cinema. *Contemporânea*. Revista de Comunicação e Cultura, vol. 3, n, 2, dez. 2005.

⁶ ESCOSTEGUY, Ana. No diário dos Estudos Culturais: O ordinário e o cotidiano como tópicos de pesquisa. Texto apresentado ao GT “Comunicação e Sociabilidade”, do XVIII Encontro da Compós, 2009. Disponível em <http://www.compos.org.br>

⁷ ROUILLÉ, André. La photographie. Entre documente et art contemporain. Folio essais: France, 2005.

⁸ ROUILLÉ: 2005, 561.

⁹ EXPÓSITO, Alberto Martín. El tiempo suspendido. Fotografía y narración. **Stadium** [online]. N.16. Disponível em: <http://www.stadium.iar.unicamp.br/16/>

Referências Bibliográfica

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 14ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEWEY, John. *Art as experience*. Perigueux Books, 1980.

ESCOSTEGUY, Ana. No diário dos Estudos Culturais: O ordinário e o cotidiano como tópicos de pesquisa. Texto apresentado ao GT “Comunicação e Sociabilidade”, do XVIII Encontro da Compós, 2009. Disponível em <http://www.compos.org.br>

EXPÓSITO, Alberto Martín. El tiempo suspendido. *Fotografía y narración*. **Studium** [online]. N.16. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/16/>

FLOCH, Jean-Marie (1986). *Les formes de l’empreinte*. Péigueux: Pierre Fanlac, 1986.

GUIMARÃES, César. O retorno do homem ordinário do cinema. *Contemporânea*. Revista de Comunicação e Cultura, vol. 3, n, 2, dez. 2005.

_____. Vidas ordinárias, afetos comuns. O espaço urbano e seus personagens no filme documentário. In: MARGATO, Izabel, GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). *Espécies de espaços*. Territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. pp.259-276.

JAMESON, Fredric. *Modernidade singular*. Ensaio sobre ontologia do presente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. Cotidiano e história na sociedade anômala. São Paulo: Contexto, 2008.

ROUILLÉ, André. *La photographie*. Entre documente et art contemporain. Folio essais: France, 2005.